



O CAMPO

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

AMIGO

Não destruas este jornal, fá-lo chegar a outro teu companheiro se o fizeres, ajudas a nossa luta.

OS VINICULTORES COM A CORDA PELO PESCOÇO

A agricultura atravessa uma crise como não há memória. Os pequenos e médios agricultores em resultado das más colheitas que têm tido, preços de vendas ruinosos, impostos cada vez mais elevados, alfaías e insecticidas que igualmente são adquiridos por preços exorbitantes, tudo isto contribui para arruinar milhares todos os anos.

Não bastando esta situação angustiada que os agricultores suportam e que Salazar nada fez nem faz para remediar, resolve antes, agora, uma contra medida para os afundar ainda mais, uma taxa extraordinária de \$40 em litro ao produtor de vinho. Ao lançar-se esta taxa não se olhou quem a poderia pagar nem sequer se teve em conta gradações de vinho ou regiões, (como tal requeria se tal taxa fosse aceitável que não é o caso) muito simplesmente, a Junta Nacional dos Vinhos, aliás que é como age todo o sistema corporativista, fez as contas e viu que lhe eram necessários tantos milhares de contos, somou, multiplicou, e deu-lhe o resultado de \$40 em litro. Isto é que inevitavelmente os vinicultores têm de pagar e quem não puder, que deixe de produzir vinho, que entregue, hipoteque, venda a propriedade, emigre ou caia na maior miséria, isso pouco interessa aos salazaristas. Se esta medida corporativista de Salazar, não for obrigada a recolher à concha por pressão dos vinicultores, sem dúvida, um destes caminhos apontados eles terão de seguir. Provas disso são os vinicultores de vários lados já não podarem as vinhas.

Mas esta taxa é tão anacró-

nica e prejudicial que por todo o lado levantou uma onda de indignação e protesto. Os Paços de Concelhos de várias terras foram invadidos por centenas e milhares de agricultores. Em Vouzela, por exemplo eram tantos os que protestavam que o soalho dos Paços do Concelho não aguentou com o peso abatendo, tendo que muitos evacuar a sala para evitar um grave desastre. Noutras terras protestos em massa se estão a preparar. Todos gritam que é o fim, a ruína, a miséria. Mas como sempre, o salazarismo não ouve. Só a voz dos monopólios, colonialistas e imperialistas é ouvida. Estas sim, estas serão ouvidas. Que se tire ao vinicultor e às outras camadas da população e se enterre nas guerras coloniais para defender os lucros daqueles, isso é que é preciso, essa é que é a lei do regime fascista e colonialista de Salazar, traidor à pátria e ao povo.

Pequenos e médios agricultores, é necessário pôr um dique a esta política criminosas. É necessário que as vozes dos milhares de agricultores se juntem muitos mais milhares. Que se juntem igualmente as de todo o povo. É necessário que a taxa de \$40 seja anulada. E, ela só será com acções massivas de protestos dos interessados.

LIBERDADE PARA MANUEL GUEDES

Estamos em Fevereiro, altura em que Manuel Guedes termina mais um período de «medidas de segurança», impõe-se por isso que ele seja imediatamente libertado, que as famigeradas «medidas de segurança» não lhe sejam de novo renovadas.

Manuel Guedes, em consequência das duras condições prisionais a que tem sido sujeito nos seus quase 20 anos de presídio encontra-se com a saúde muito abalada.

Manuel Guedes deve ser arrancado às garras do fascismo tal como o foram Ivone Dias Lourenço, Manuel Rodrigues da Silva, Maria da Piedade Gomes e outros.

«O Camponês» órgão de unidade dos camponeses do Sul, exorta mais uma vez a que a luta pela libertação de Manuel Guedes não afrouxe, mas antes pelo contrário, galvanize cada vez mais as massas camponesas a protestar de todas as maneiras ao seu alcance pela sua libertação.

Escrevamos cartas e postais às autoridades, escrevamos nos muros e nas estradas, façamos targetas e cartazes com as palavras: LIBERDADE PARA MANUEL GUEDES! ABAIXO AS «MEDIDAS DE SEGURANÇA»! AMNISTIA! AMNISTIA!

Trabalhadores do Campo!

Preparemo-nos para a jornada do 1.º de Maio
Que ninguém trabalhe neste dia.

OS ESTUDANTES EM LUTA

Os estudantes indicam o caminho para o levantamento nacional. Os valorosos estudantes de Lisboa perante a repressão e arbitrariedades salazaristas respondem com acções de massas.

Os seus direitos estudantis à muito que vêm sendo espezinhados, mas os estudantes conscientes dos seus direitos, não recuam frente às leis arbitrárias que o seu reitor, o fascista Paulo Cunha, defende e incita.

O governo fascista e terrorista de Salazar impotente para submeter os estudantes à passividade por meio de leis e decretos, lança sobre eles, numa tentativa de desespero, as forças repressivas. Dezenas de estudantes são presos nessa vaga repressiva entre os quais muitos dirigentes. Contudo, repressão nenhuma consegue abafar a voz estudantil.

Tal como os trabalhadores têm fome de pão e trabalho, os estudantes têm fome de liberdade nas suas associações académicas e de acesso à verdadeira cultura.

Essa onda de repressão, ao contrário de os amedrontar e dispersar como era intenção dos fascistas, mais ânimo lhes criou e mais os uniu para a luta. Logo que os seus companheiros foram presos, os estudantes se lançam em greve

e proclamam luta académica. A unidade e organização fortalecem-se. E, assim, no dia 26 de Janeiro lançam-se em manifestação pelas ruas de Lisboa indo até ao Aljube, onde os seus colegas estavam presos, arrastando atrás de si outras camadas da população, exigindo a liberdade para os presos. A luta dos estudantes já não era só conhecida em Lisboa, ela era conhecida em todo o país e no estrangeiro. Jornais e emissoras estrangeiras desmascaram o fascismo e põem-se ao lado dos estudantes.

O fascismo ao ver-se desmascarado, vê-se forçado às 5 horas da madrugada a enviar um comunicado para os jornais tentando apaziguar os ânimos, justificando a repressão com o «papão» do comunismo, não escondendo mesmo que novas prisões se iriam efectuar. Diz o comunicado que os estudantes não estão a ser maltratados, quando todos sabem que eles se encontram nos antros da Pide à noite sem dormir e sendo alvo das maiores torturas.

Desmascaremos esta demagogia da Pide. A luta dos estudantes é também a nossa luta. Vamos em seu apoio. Organizemo-nos como os estudantes para lutas de massas. Abaixo o fascismo e a repressão.

LUTEMOS POR MELHORES JORNAS NAS CAVAS DO ARROZ

Os patrões estão a preparar-se sem dúvida como nos anos atrás, para utilizarem máquinas neste trabalho, jogando com elas e aproveitando-se da miséria dos trabalhadores, neste período de desemprego, para lhes pagar jornas de fome.

Devem também os trabalhadores preparar-se para esta manobra dos exploradores e resistir-lhe corajosamente.

Nem o emprego de máquinas nem o desemprego a que estiveram sujeitos durante os últimos meses, devem ser motivo para que se submetam às jornas de fome e condições ruins de trabalho.

A unidade e organização são meios indispensáveis para que os trabalhadores saiam vitoriosos na luta pelas suas reivindicações e contra os exploradores.

Comissões de unidade e outras

formas de organização devem desde já ser encaradas pelos trabalhadores com vistas a lutarem por: **horário das 8 horas e jornas compatíveis com o actual custo de vida.**

Só pelo caminho da luta é possível aos trabalhadores arrancarem aos patrões melhores condições de trabalho.

Foi este o caminho a seguir pelos trabalhadores em 1962 pela conquista das 8 horas, tem-no sido noutras grandes e pequenas lutas e sê-lo-á igualmente agora nas cavas do arroz se os trabalhadores utilizarem a arma poderosa que tem ao seu alcance—**Unidade e Organização.**

Que nenhum trabalhador das cavas do arroz se sujeite às condições impostas pelos patrões. As condições de trabalho devem ser decididas pelos trabalhadores.

AS NOSSAS LUTAS

Ayiz—Ao fim de várias lutas pela conquista do horário das 8 horas os trabalhadores desta região acabaram por impô-lo. Nos trabalhos das estradas já ninguém trabalha de sol a sol.

Pocêirão, Lagameças e Aguas de Moura—Os trabalhadores destas regiões que trabalham nas podas conquistaram este inverno o horário de 7 horas e 40\$00 de ordenado. Este horário foi imposto pelos podadores, mas logo os operários agrícolas igualmente se lançaram pela sua conquista. Já em muitos lados, no campo, se trabalha pelo horário das 7 horas.

8 DE MARÇO Dia Internacional da Mulher

A 8 de Março comemora-se o Dia Internacional da Mulher. Este é também o dia da mulher portuguesa.

Camponesa do Sul, camponesa Alentejana e Algarvia, tu és numericamente uma força poderosa no proletariado português. Transforma essa força numérica numa força organizada e combativa. Une-te às tuas companheiras e comemora o 8 de Março, teu dia. Aproveita esta data para organizares as tuas companheiras em comissões de unidade, para que lutem contra a exploração, a vida cara, as guerras coloniais e a repressão.

Não deixes passar o 8 de Março sem fazeres sentir aos teus opressores que queres viver em paz e liberdade; que queres pão e trabalho.

Ergue a tua voz em defesa dos patriotas que se encontram na prisão. Exige o fim das guerras coloniais! Que os soldados regressem ao seio das suas mães e noivas!

ESCUTE

Radio Portugal Livre todos os dias das 7 às 7,30 em 50 metros, das 19 às 19,50 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,50 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros. Aos domingos em emissão dedicada aos camponeses das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

A Voz da Liberdade todas as quartas e sábados às 23,15, pelas ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e ondas médias de 230 e 320 metros.